



PRÁTICAS DE ACOLHIMENTO DOS USUÁRIOS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO DA ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE / SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)

Patricia Kozuchovski Daré, Drª, Alexandra Bortolin de Souza e Bárbara Eduarda Schappo.

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA - UNISUL
Naturopatia, Campus Pedra Branca
patricia.dare@ulife.com.br

Introdução

O cuidado à saúde do indivíduo com sofrimento mental deve ser entendido de forma globalizada, considerando as dimensões biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Nesse mesmo sentido, os tratamentos também devem ser multimodais, não se limitando ao uso exclusivo de psicofármacos, mas sim proporcionar possibilidades de conscientização de mudanças no seu estilo de vida e oferecer oportunidades de participação em psicoterapias de apoio, tais como terapia interpessoal, comportamental, cognitiva, de grupo, de casais e em família e demais formas de atenção e cuidado que possibilitem a ampliação de sua saúde.

Objetivos

Conhecer as práticas de acolhimento e cuidado destinadas aos usuários em sofrimento psíquico da Atenção Básica em Saúde.

Metodologia

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de abordagem qualitativa e bibliográfica, cujo procedimento metodológico possibilitará a busca de soluções e análises para o problema desta pesquisa.

Resultados

Os resultados evidenciam avanços significativos na compreensão do acolhimento como dispositivo essencial do cuidado em saúde mental, porém revelam os desafios persistentes na implementação efetiva dessas práticas. As equipes de saúde da Atenção Básica demonstraram compreender que o sofrimento psíquico decorre de múltiplos fatores – ambientais, sociais e familiares – superando visões exclusivamente biologistas. Essa percepção ampliada alinha-se aos princípios da Reforma Psiquiátrica, que preconiza o entendimento da pessoa em sua integralidade, considerando suas dimensões biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Entretanto, os estudos revelaram que a operacionalização do acolhimento apresenta fragilidades importantes. A principal lacuna identificada refere-se à insuficiente capacitação dos profissionais para atender às demandas de saúde mental, resultando em práticas que ainda reproduzem lógicas medicalizantes e encaminhamentos imediatos para serviços especializados. Os profissionais relataram insegurança no manejo das situações de sofrimento psíquico e solicitaram a elaboração de protocolos institucionais e processos formativos que subsidiem suas ações. Essa demanda evidencia que, apesar dos avanços teóricos sobre acolhimento humanizado, persiste uma distância entre o discurso e a prática cotidiana nos serviços.

Resultados

A análise também identificou que o acolhimento na Atenção Básica frequentemente se limita a uma escuta superficial, voltada ao alívio imediato de sintomas, sem tempo ou estrutura para o desenvolvimento de vínculos terapêuticos consistentes. Essa realidade se agrava diante da desproporcionalidade entre o número de profissionais disponíveis e a demanda populacional, comprometendo a qualidade da atenção oferecida. Além disso, a sobrecarga de trabalho e a ausência de educação permanente em saúde dificultam o aprimoramento das competências necessárias para uma escuta ativa e resolutiva.

Conclusões

Espera-se que este estudo contribua para a compreensão das estratégias de cuidado utilizadas atualmente e forneça subsídios para o aprimoramento das práticas de acolhimento na Atenção Básica, auxiliando na consolidação de propostas de políticas públicas mais justas e equânimes no campo da saúde mental. Os achados corroboram a literatura sobre o tema ao evidenciar que o acolhimento efetivo na Atenção Básica requer não apenas competências técnicas, mas também posturas éticas de inclusão, respeito à autonomia e reconhecimento da pessoa em sofrimento como protagonista de seu processo de cuidado. Nesse sentido, as práticas de acolhimento devem ir além da aplicação de instrumentos padronizados, incorporando a dimensão relacional e a sensibilidade para compreender os significados do sofrimento na perspectiva de quem o vivencia, conforme preconizado pela teoria da natureza do sofrimento humano.

Bibliografia

BRASIL. **Relatório da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial.** Ministério da Saúde. Sistema único de Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Organizadora da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/Relatorio/relatorio_final_IVcnsmi_cns.pdf>. Acesso em: abril de 2025.

DESINSTITUTE. **Desinstitucionalização.** Da saída do manicômio à vida na cidade: estratégias de gestão e de cuidado. Brasília, DF: Desinstitute, 2023. Disponível em: <https://desinstitute.org.br/documento/desinstitucionalizacao-da-saida-do-manicomio-a-vida-na-cidade-estrategias-de-gestao-e-de-cuidado.pdf?x26231> Acesso em: maio de 2025.

HERNÁEZ, Á. M. A medicalização dos estados de ânimo. O consumo de antidepressivos e as novas biopolíticas das aflições. In **Política y Sociedad.** Espanha, v. 42, n. 3, 2006.

MARTINS, A. L. B. Biopsiquiatria e Bioidentidade: Política da subjetividade contemporânea. In **Psicologia & Sociedade.** São Paulo, v. 20, n 3, 2008.